

UM ESTUDO DO ERRO EM TEXTOS DA 3ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL: VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA OU ERRO ORTOGRAFICO?

Maria Niete Santos de Medeiros¹

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que, para se compreender a escrita na fase inicial da escolarização temos que levar em consideração os elementos da oralidade, pois, são esses elementos que permearão os textos infantis, temos por objetivo discutir sobre o erro ortográfico em textos produzidos por crianças da 3ª série do ensino fundamental. Compreendemos “o erro”, nessa fase, como variação lingüística e não como erro ortográfico.

Com a análise dos textos produzidos por essas crianças em sala de aula pretende-se mostrar que nesta fase de aquisição da escrita, os erros são considerados como um processo normal e que somente quando a pessoa está totalmente alfabetizada é que a escrita passará a ter influência sobre a oralidade. Os alunos utilizam-se, portanto, de fenômenos da oralidade que são passados para a escrita, pois eles já dominam a modalidade oral da língua que falam. Todavia, nesta fase eles não tem noção do que seja língua culta ou erro ortográfico.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde as mais tradicionais práticas docentes, os textos escritos permeiam as atividades em sala de aula de língua materna, sendo utilizados, na maioria das vezes, pelo professor para avaliar o desempenho dos alunos, ou seja, testar os níveis de aprendizagem da língua escrita. Vale salientar que o ensino nesta fase é pautado numa visão tradicional do certo e do errado que decorre de uma gramática normativa. Conceituando a gramática normativa de acordo com Mussalim & Bentes (2001, p.234-235) ela é a mais conhecida pelos leigos, pois a mesma adentra pela escola, veiculada pelos livros didáticos e pelas gramáticas tradicionais, no entanto tomam por língua uma de suas variedades e desprezam as demais. O ensino de língua nessa concepção é pautado no estudo das regras que regulam a norma culta da língua e ensinar gramática é visto como ensinar regras para usar bem a norma culta.

Não podemos separar língua e variação. Se adentrarmos a sociolingüística veremos a diversidade lingüística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno lingüístico. Constatando-se que ao estudar qualquer comunidade lingüística imediatamente percebe-se a existência da diversidade ou da variação. Cada comunidade se caracteriza pelos diferentes modos de falar, portanto, a essas diferentes modos de falar, a sociolingüística dá o nome de variedades lingüísticas. (v. MUSSALIM & BENTES, 2001)

Pretende-se trabalhar uma visão diferente de erro nos textos de 3ª série mostrando que nessa fase de aquisição da língua escrita não devem ser considerados como erro ortográfico tudo que a criança passa da fala para a escrita, pois se os alunos escrevem fugindo das regras da norma

¹ Mestranda/ UFRN-PPgEL

culta ensinada na escola é por falta de um conhecimento mais profundo das normas das que regem a escrita formal. Portanto, utilizam os recursos comuns da oralidade visto dominarem completamente a oralidade nessa fase. Segundo Possenti (1996, p.78) o erro “é tudo aquilo que foge á variedade que foi eleita como exemplo de boa linguagem”. O autor apresenta duas considerações importantes para explicitar a boa linguagem. Primeiro mostra que o exemplo de boa linguagem é buscado no passado sendo, portanto já arcaicos. Mesmo que em matéria de língua nada seja uniforme, quando as gramáticas utilizam os exemplos de boa linguagem eles são mais arcaizantes do que os encontrados em jornais e textos de muitos escritores vivos e reconhecidos. O segundo ponto mostra que apesar dessa tendência arcaizante das gramáticas há mudanças de padrão através da história. Não podemos exigir hoje em nossas escolas que os alunos escrevam como Camões, por mais que sua autoridade continue viva, pois nem mesmo a língua dos melhores escritores avaliza a manutenção de uma norma imutável. Portanto, há variação também no interior do padrão e não apenas nas formas lingüísticas padrões e populares ou regionais. Então, propõe-se uma análise dos textos infantis com ênfase na mudança e na variação, pois na fase inicial quando a criança começa a escrever ela utiliza-se dos mecanismos comuns da oralidade que são passados para a escrita. Se a escola trabalhasse na visão da gramática descritiva teria um conceito diferente para trabalhar o erro, pois nesta perspectiva o erro são as construções que não se enquadram em qualquer das variedades de uma língua.

Segundo Bagno, (2002) o professor poderá recorrer à sociolingüística e as teorias lingüísticas, pois já está comprovado que do ponto de vista científico não existe erro em língua, mas o que existe é variação e mudança. Todavia a variação e a mudança são constitutivas da natureza de todas as línguas humanas vivas. Dito de outra maneira, conforme este mesmo autor (Op. Cit, p. 72-73)

...tudo aquilo que é classificado tradicionalmente de “erro” tem uma explicação científica perfeitamente demonstrável. A noção de erro em língua é inaceitável dentro de uma abordagem científica dos fenômenos da linguagem. Afinal, nenhuma ciência pode considerar a existência de erros em seu objeto de estudo (os erros, falhas e equívocos podem ocorrer nas metodologias de pesquisa, nos procedimentos de análise, na elaboração de construtos teóricos, nos preconceitos de diversa natureza ideológica que o cientista pode assumir consciente ou inconscientemente, mas não no objeto em si.

A Variação Lingüística em seu sentido mais abrangente, de acordo com Dubois, (1983, p.609), é o fenômeno no qual uma determinada língua não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social, idêntica ao que ela é em outra época, em outro lugar e em outro grupo social.

Os seguintes pontos justificam a não aceitação do erro ortográfico nos textos infantis neste estudo:

- Cagliari (1995, p.36), mostra que a variação lingüística é vista pela escola como uma questão gramatical do certo ou do errado. Não dando lugar ao diferente em sua avaliação.
- Segundo, (BAGNO, 2002, p.73), o “erro” lingüístico do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia numa avaliação negativa que nada tem de lingüística, visto se basear no valor social atribuído ao falante, em seu poder aquisitivo, seu grau de escolarização, sua renda mensal, etc.

- Todos os indivíduos aprendem a falar antes de aprender a escrever e muitos povos falaram, mas nem todos escreveram e segundo Lopes, (1995, p. 33) “ todos os sistemas de transcrição escrita estão fundamentados na fala, em relação à qual são secundários; o contrário não se dá.”
- Se a aprendizagem da escrita vem após a aprendizagem da fala nada mais normal do que a criança em fase de aquisição utilizar os mecanismos da oralidade para escrever, pois na visão de Mattoso Câmara Jr. “a escrita decorre da fala e é secundária em referência a esta”. (1969, p.11) o autor segue argumentando que para compreender e ensinar a língua escrita temos que ter como ponto de partida uma perfeita compreensão do funcionamento da fala. Segundo esse mesmo autor (1986, p.239) a variação é a “conseqüência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso”.
- Segundo Kato (2002, p. 40) “...se nas sociedades altamente letradas as pessoas procuram simular a escrita na fala, em um país como o Brasil, a força da oralidade marca a própria escrita”. É importante frisar, como bem observou esta autora que não podemos exigir da criança um comportamento em produção de acordo com os cânones da gramática e das convenções ortográficas; nem também a posição facilitadora de alfabetização no dialeto da criança. A proposta interessante é que, na iniciação a produção escrita num período inicial, haja por parte da escola uma grande tolerância em relação aos desvios de ordem dialetal, onde a ênfase maior seria dada à fluência na escrita e não sobre a precisão gramatical ou ortográfica.

Parece consenso que a oralidade tem uma grande influência no ensino da língua materna e que, portanto a fala influenciará a escrita no início da escolarização.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Tendo em vista os objetivos propostos, trabalharemos os mecanismos da oralidade na escrita em 20 textos dos 58 que fazem parte do corpus deste trabalho. A análise dos textos terá como base a proposta de Cagliari (1995, p. 138-145), enfatizando-se as seguintes categorias de análise:

- a) Transcrição fonética – caracterizada por uma transcrição fonética da própria fala.
- b) Uso indevido de letras – caracterizado pelo fato de o aluno escolher uma letra possível para representar um som de uma palavra quando na verdade a ortografia usa outra letra.
- c) Hipercorreção – ocorre quando o aluno conhece a forma ortográfica de determinadas palavras e sabe que a pronúncia destas é diferente.
- d) Modificação da estrutura segmental das palavras – são alguns erros que não refletem transcrição fonética, nem se relacionam diretamente com a fala. São erros de troca, supressão, acréscimo ou inversão de letras.
- e) Juntura intervocabular e segmentação – é a junção de várias palavras em uma só ou separação de palavras que na verdade não são separadas.
- f) Forma morfológica diferente – caracterizada pelas características próprias que certas palavras têm que dificulta o conhecimento, a partir da fala, de sua forma ortográfica.
- g) Uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas - devido aprenderem que os nomes próprios se escrevem com letra maiúscula, alguns alunos passam a escrever os

pronomes também com letra maiúscula. Percebe-se que o problema de letra maiúsculas e minúsculas está muito ligado às funções da escrita.

- h) Acentos gráficos - Esses sinais estão em grande parte ausentes dos textos das crianças, visto não serem ensinados no início da aprendizagem da escrita. Algumas vezes eles aprendem que certas palavras de uso mais comum são acentuadas e passam a acentuar palavras que na verdade não são acentuadas.
- i) Problemas sintáticos - caracterizados por aparecer construções estranhas que refletem estilos que só ocorrem no uso oral da linguagem.

Após estas constatações teóricas, encontramos os subsídios necessários para proceder à análise do corpus.

ANÁLISE

Obs: As palavras sublinhadas foram corrigidas como erro ortográfico pelo professor.
 Texto nº 11 (copiado do texto original do aluno)

01 Tia Juciane (Título)

02 Juciane uma linda princeza que vivia
 03 trabalhando para trêz pessoas elas
 04 receberam um convite para o baile
 05 as três pessoas que era ana, tereza e elena
 06 não deixaram Juciane ir para o baili
 07 de Repente apareceu a fada madrinha fez um
 08 lindo vestido para ela e uma carruagem
 09 a fada dissi o emcanto disfazera a meia
 10 noite ela chego no baile dancando com o prin
 11 cipe chegou a meia noite e Cinderela
 12 fujindo per deu seu sapato de crital e
 13 o príncipe mandou os guardas procurar
 14 a Cinderela provou nas mulheres quando
 15 foi a utima serviu e viveram felizes
 16 para sempre.

Na análise do texto acima verificamos a presença de elementos da oralidade tais como:

Transcrição fonética: Linha 2 (doravante L) *princeza* (princesa), L3 *trêz* (três), L6 *baili* (baile), L9 *dissi* (disse), L9 *emcanto* (encanto), L9 *disfazera* (desfazerá ou será desfeito)
 L10 *chego* (chegou), L15 *utima* (última).

Uso indevido de letras: L8 *carruagem* (carruagem), L10 *dancando* (dançando), L12 *fujindo* (fugindo).

Juntura intervocabuar e segmentação: L12 *per deu* (perdeu).

Forma morfológica diferente: L12 *crital* (cristal).

Uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas: L5 *ana tereza e elena* (Ana Tereza e Elena), L7 *de Repente* (de repente).

Acentos gráficos: L10/11 *principe* (príncipe).

Problemas sintáticos: L5 *as três pessoas que era ana, tereza e elena* (que eram)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença desses elementos característicos da oralidade no texto analisado comprova que a interferência da fala na escrita da criança nessa fase é muito freqüente. Com base nesta amostra, a categoria que aparece com mais freqüência é a transcrição fonética, o que torna evidente a interferência da fala na escrita. Portanto, para escrever no início da escolarização, a criança utiliza-se desses mecanismos que consideramos serem comuns nessa fase de aprendizagem da escrita e, segundo MARCUSCHI (1995), nos primeiros anos de escolarização, esse fenômeno é um processo normal. Somente quando a pessoa está altamente escolarizada é que a fala vai ter uma influência da escrita.

Analisando-se os dados coletados, observou-se que a transcrição fonética, a hipercorreção, o uso indevido de letras e demais elementos da oralidade estão muito presentes nas produções textuais escritas dos alunos da 3ª série do ensino fundamental, conforme se contata no exemplo abaixo conforme grade de análise I, anexos a esse trabalho.

Tratando-se, portanto de resultados parciais, pois o trabalho está em andamento e novas análises serão realizadas para comprovação do fenômeno em estudo.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos; GAGNAÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua materna:** letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002, p. 7-82.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística.** 8. ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- CAMARA JR., J. Mattoso. **Problemas de lingüística descritiva.** Petrópolis: Vozes, 1969, p. 10-22.
- _____. **Dicionário de Lingüística e Gramática:** referente à língua portuguesa. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 239.
- KATO, Mary A. **No mundo da escrita:** uma perspectiva psicolingüística. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 40 e 123.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da Lingüística contemporânea.** 14 ed. São Paulo: 1995. p. 26-34.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **A oralidade e a escrita.** In II COLÓQUIO FRANCO BRASILEIRO. UFRN, 1995. 11p. (mimeografado).
- MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Ana Cristina (orgs.). **Introdução à lingüística.** Domínios e fronteiras. 2. ed. vol. I e II. São Paulo: Cortez, 2001.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: ALB/Mercado de letras, 1996. (Coleção Leituras do Brasil). p. 78-84.

ANEXO

GRADE DE ANÁLISE I

**CARACTERIZAÇÃO DOS MECANISMOS DA ORALIDADE
PRESENTES NOS TEXTOS ESCRITOS**

Texto Número	Transcrição fonética	Uso Indevido de letras	Hipercorção	Modificação da estrutura segmental das palavras	Juntura intervocabular e segmentação	Forma morfológica diferente	Uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas	Acentos gráficos	Problemas sintáticos
T 11	<p>Linha 2 (doravante L) <i>princeza</i> (princesa), L3 <i>trêz</i> (três), L9 <i>dissi</i> (disse), L9 <i>emcanto</i> (encanto) L9 <i>disfazera</i> (desfazerá ou será desfeito) L10 <i>chego</i> (chegou), L15 <i>utima</i> (última).</p>	<p>L8 <i>carruajem</i> (carruagem), L10 <i>dancando</i> (dançando), L12 <i>fujindo</i> (fugindo).</p>		L9 <i>disfazera</i> (desfizera)	L12 <i>per deu</i> (perdeu).	L12 <i>crital</i> (cristal).	L5 <i>ana tereza e elena</i> (Ana Tereza e Elena), L7 <i>de Repente</i> (de repente).	L10/11 <i>principe</i> (príncipe).	L5 <i>as três pessoas que era ana, tereza e elena</i> (que eram)